

LETRAMENTO E ORALIDADE: NOTAS SOBRE PONTUAÇÃO  
EM UM BATE-PAPO VIRTUAL INFANTIL<sup>1</sup>

---

VIVIANE VOMEIRO LUIZ SOBRINHO\*  
FABIANA KOMESU\*\*

---

RESUMO

Com base em uma concepção heterogênea de escrita, este artigo tem como objetivo analisar as “quebras de linhas” em enunciados de bate-papo virtual destinado a escreventes entre 8 e 12 anos de idade. A hipótese é de que a segmentação de um enunciado em linhas diferentes, em um curto espaço de tempo, caracteriza a escrita na internet de maneira não convencional e a relaciona com a prosódia e o ritmo da língua, irrestritos à dimensão fônica ou gráfica da linguagem verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Heterogeneidade, escrita, pontuação, *chat*, internet.

---

INTRODUÇÃO

O avanço e a popularização das tecnologias digitais, nas últimas décadas, trouxeram novas questões às Ciências Humanas a propósito da relação entre homem, linguagem e máquina. Surgem, por exemplo, ambientes de comunicação mediada pelo computador – *e-mail*, *chats*, *blogs*, *microblogs*, *fóruns virtuais*, *redes sociais*, dentre outros – que despertam discussões tanto entre especialistas quanto entre não especialistas. Nesse contexto, nosso trabalho visa a contribuir com os Estudos Linguísticos ao promover reflexões acerca das práticas de escrita em bate-papos virtuais (*chats*) na internet, frequentados por crianças.

Muito se diz, na sociedade em geral, sobre uma prática de escrita “errada” e “desregrada” produzida na rede. Tencionamos problematizar essa noção de “erro” ao tomar a escrita como fato linguístico/social

---

\* Unesp, campus de São José do Rio Preto (SP). Mestre em Estudos Linguísticos.  
E-mail: [vivivomeiro@yahoo.com.br](mailto:vivivomeiro@yahoo.com.br)

\*\* Unesp, campus de São José do Rio Preto (SP). Doutora em Linguística. Professora assistente doutora na Unesp/SJRP.  
E-mail: [komesu@ibilce.unesp.br](mailto:komesu@ibilce.unesp.br)

da ordem da heterogeneidade. Para tanto, destacamos o estudo da pontuação não convencional em *chats*. Com base na observação de “quebras de linhas” – isto é, de momentos em que o escrevente, em vez de segmentar o enunciado em uma única mensagem, “quebra” esse enunciado em várias mensagens e as envia em um curto espaço de tempo –, formulamos hipóteses a respeito do modo de enunciação dos sujeitos escreventes nessa atividade verbal. Acreditamos, pois, que essas mudanças de linhas não são aleatórias, uma vez que podem ser justificadas se relacionadas aos constituintes mais altos da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986) – frase entoacional (*I*) e enunciado fonológico (*U*) –, constituindo, assim, indícios das práticas *orais/faladas* e *letradas/escritas* das quais o(s) escrevente(s) participa(m).

Na subseção seguinte, apresentamos os conceitos que fundamentam este estudo:<sup>2</sup> o de *ritmo da escrita* (CHACON, 1998), sinalizado pelo escrevente por meio da pontuação, e o de *modo heterogêneo de constituição da escrita* (CORRÊA, 2004), que se opõe a uma noção de escrita homogênea, tomada como “pura”, “sem interferência da fala”. Pressupostos da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986) também são apresentados como ferramenta de análise dos dados. A propósito do conjunto do material e do recorte do *corpus*, esclarecemos que foi por meio do *paradigma indiciário* (GINZBURG, 1989), método de apreensão de dados como “rastros de individuação” do sujeito, que buscamos identificar regularidades linguísticas nos enunciados digitais. Procuramos, pois, categorizar e quantificar as “quebras de linhas” segundo os seguintes critérios: (i) ausência de sinal de pontuação, vinculada (i.a) à vírgula, (i.b) a outros sinais de pontuação; (ii) presença de sinais de pontuação; (iii) segmentação de sinais de pontuação na segunda linha. Na análise dos dados, as “quebras” parecem estar relacionadas à marcação de contornos e/ou fronteiras de *I(s)* que compõem um único *U*.

#### BASES PARA O ESTUDO DA ESCRITA (DA PONTUAÇÃO) NA INTERNET

Para o estudo da escrita na internet, questionamos, com Corrêa (2004), uma suposta homogeneidade que caracterizaria fala e escrita,

segundo propriedades distintas e opostas entre si. Com efeito, para os adeptos da chamada Grande Divisa, a fala seria, por exemplo, sempre *contextualizada, redundante, fragmentada* ou *pouco elaborada*, em oposição à escrita, reconhecida como *descontextualizada, condensada, não fragmentada* ou *elaborada*, dentre outros aspectos (KOCH, 2000). De nosso ponto de vista, acreditamos, com Corrêa, que há uma relação radicalmente dialógica entre os fatos da *oralidade/fala* e do *letramento/escrita*<sup>3</sup> nas diferentes manifestações verbais. Este é um dos principais pressupostos do conceito de *modo heterogêneo de constituição da escrita*, segundo Corrêa. A escrita, de acordo com o autor, é concebida por meio de imaginário compartilhado socialmente, segundo o qual o escrevente circula por três eixos de representação distintos: (i) *a representação da gênese da escrita*, (ii) *a representação do código escrito institucionalizado* e (iii) *a dialogia com o já falado/escrito*.<sup>4</sup> Dados os objetivos deste artigo, restringiremos a discussão ao primeiro eixo.

As “quebras de linhas”, observadas no conjunto do material, apontam para a *representação da gênese da escrita* pelo escrevente de bate-papo digital, em momentos nos quais ele parece igualar aspectos da oralidade/fala aos de letramento/escrita. A gênese da escrita consiste

na atribuição de um lugar para o oral/falado no letrado/escrito, ou seja, consiste num registro específico da relação entre esses pares e testemunha o trânsito próprio das práticas sociais. Ao mesmo tempo em que esse trânsito põe às claras a falsa pureza da escrita, leva também o escrevente a supô-la como representação fiel do oral/falado no letrado/escrito, uma vez que, ao projetar um material signifiante (o fônico) no outro (o gráfico), ele tende a identificar as duas modalidades. (CORRÊA, 2004, p. 82-83)

A “quebra de linhas” parece, pois, colocar em evidência esses momentos em que o escrevente projeta no gráfico uma suposta origem da (sua) escrita. Ao pontuar a (sua) escrita de maneira não convencional, o escrevente busca organizar a produção de sentidos: a “quebra” marca a presença do outro na escrita no *chat*, “sinaliza” uma leitura, salienta possíveis pausas, entoação, rupturas; imprime ritmo (e prosódia) próprio(s) à atividade verbal da/na língua.

A noção de *ritmo da escrita*, proposta por Chacon (1998) no estudo de redações de vestibulandos, consiste na abordagem do aspecto multidimensional da pontuação, em uma ou mais dimensões (fônica, sintática, textual, enunciativa) da linguagem. Segundo Chacon,

a enunciação é o eixo organizador do ritmo, onde quer que o ritmo se mostre na linguagem e onde quer que ele possa ser indicado pela pontuação. [...] nenhum nível da linguagem pode requerer para si o fornecimento exclusivo de normas para o emprego da pontuação. (CHACON, 1998, p. 197-198)

Sem desconsiderar a relevância das demais dimensões e a complexidade que envolve o estudo da pontuação, daremos maior atenção ao aspecto fônico da linguagem, levando-se em conta nossa hipótese de vinculação entre esse aspecto e o eixo de uma *gênese da escrita*, em particular, em momentos nos quais as “quebras de linhas” se relacionam de maneira mais próxima à prosódia da língua. Em vez de conceber essas ocorrências como manifestações evidentes da fala nos enunciados em *chat* – fato que levaria a supor “interferência da fala” na escrita –, propomos que essas ocorrências sejam pensadas como indícios da *heterogeneidade constitutiva da escrita*.

#### SOBRE A FONOLOGIA PROSÓDICA

Neste artigo, os pressupostos da Fonologia Prosódica aparecem como ferramenta de análise de dados. Para tanto, procedemos à exposição de seu quadro teórico.

A Fonologia Prosódica procura estabelecer a relação da Fonologia com outros componentes da Gramática (Sintaxe, Morfologia e Semântica) para explicar a organização de suprasegmentos que compõem a fala – como duração, ritmo e acento. Em um material como o produzido em *chats*, ao qual comumente é atribuída a relação entre fala e escrita, trata-se de quadro teórico produtivo para análise de dados.

No modelo de fonologia prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986) há uma hierarquia entre diferentes constituintes prosódicos, os quais são entendidos como “blocos” organizados hierarquicamente que se referem à representação mental da fala. A hierarquia prosódica,

desenvolvida nos estudos dessas autoras, é composta por enunciado fonológico (U), frase entoacional (I), frase fonológica (f), grupo clítico (C), palavra fonológica (w), pé (S) e sílaba (s).

Conforme já citado, *I* e *U* parecem se relacionar às “quebras de linhas” observadas no material da pesquisa – em particular, nos momentos em que o escrevente de *chat* parece circular pelo eixo da *representação da gênese da escrita* – e, por isso, recebem especial atenção em relação aos demais constituintes.

Segundo Nespore e Vogel, “a formulação da regra básica de formação de *I* é baseada na noção de que a frase entoacional é o domínio de um contorno entoacional e seu fim coincide com a posição em que pausas podem ser introduzidas em uma sentença” (1986, p.188, tradução nossa).<sup>5</sup> *I* agrupa um ou mais *fs* em seu domínio – conforme preconiza a *Strict Layer Hypothesis* (SLH)<sup>6</sup> –; faz uso, portanto, de noções sintáticas mais gerais e é influenciada por fatores semânticos relacionados à proeminência e à *performance*.

Certas construções formam domínios de *I* por si próprias, como, por exemplo, as expressões parentéticas, orações relativas não restritivas, *tag questions*, vocativos, completivos e certos elementos móveis – todos externos à sentença principal. Uma frase entoacional pode ser reestruturada a depender da extensão da sentença, da velocidade da fala, do estilo e da proeminência relativa. Um *I* longo pode ser “quebrado” em *Is* menores, porém, não é qualquer divisão que é aceitável. Em estilo de fala mais formal, a tendência é ter mais *Is*; já em estilo informal, a tendência é ter um único *I*.

A proeminência contrastiva, adicionada ao contorno entoacional, também pode levar à quebra de *I* em *Is* menores, pois favorece a criação de novo contorno entoacional ao ser atribuída a uma frase sem proeminência.<sup>7</sup>

Com relação ao enunciado fonológico, em Nespore e Vogel (1986), *U* é o maior e mais amplo constituinte da hierarquia, composto por um ou mais *Is*, em acordo com a SLH. Segundo as autoras, um *U* tende a coincidir com o início e o fim de constituintes sintáticos. Contudo, não há isomorfismo entre sintaxe e fonologia no que se refere aos domínios mais altos das duas hierarquias.

Um enunciado fonológico pode ser reestruturado, mas não são quaisquer duas sentenças que podem ser agrupadas em um *U*. Para

Nespor e Vogel, o tipo de sentença envolvida não é critério relevante para a reestruturação desse constituinte; torna-se importante, por outro lado, considerar a natureza da relação entre as sentenças. Aspectos fonológicos, pragmáticos, sintáticos e semânticos condicionam a reestruturação de *U*. As autoras observam que aspectos fonológicos e pragmáticos podem ser reduzidos a uma única condição que permite a reestruturação, mas apenas quando *não há* presença de pausa.

Assim como a reestruturação de *I, U* também depende de fatores adicionais, como estilo e velocidade de fala, ou seja, a reestruturação de *U* se relaciona a um número de informações não sintáticas. Com base na teoria formulada por Nespor e Vogel (1986) – a partir de dados de fala –, interessa-nos observar como a prosódia (da língua, portanto, irrestrita à oralidade/fala) pode ser observada nos enunciados letrados/escritos e no ritmo da escrita de um bate-papo virtual.

## MATERIAL E MÉTODOS

O conjunto do material é formado de enunciados de bate-papo virtual, podendo ser definido como uma “conversação”, entre duas ou mais pessoas, que acontece em tempo real na internet. Dentre os diversos tipos de bate-papos virtuais existentes na rede (cf. MARCUSCHI, 2005; ARAÚJO, 2005), selecionamos enunciados em uma sala de bate-papo virtual “em aberto”, portanto, de acesso público e gratuito, destinada à faixa etária de 8 a 12 anos.<sup>8</sup> Disponibilizada pelo Portal Terra,<sup>9</sup> a sala virtual em questão suporta um máximo de 40 pessoas que interagem simultaneamente, sobretudo, por meio da escrita – mas também por meio de som, cor, animação (*emoticons*, *winks*) tornados disponíveis pelo provedor que dá suporte aos usuários.

Uma das principais características dessa “conversação” é a alternância entre os participantes, o que torna esse ambiente virtual síncrono. No período da coleta de dados, a pesquisadora adentrava na sala e nela permanecia por volta de uma hora, momento em que observava os usuários interagindo entre si. Posteriormente, as “conversas” eram copiadas e coladas em arquivos com extensão *DOC*, procedimento que visava ao armazenamento dos dados.

A metodologia de análise dos dados foi fundamentada no *paradigma indiciário* proposto por Ginzburg (1989). Com base na proposta

desse historiador, refutamos o método experimental e quantitativo, com frequência utilizado nas Ciências Exatas e Biológicas, para buscar o modo e a história da constituição do objeto junto aos “rastros” das práticas sociais dos sujeitos. Corrêa (1997), ao se apropriar desse método para o estudo da escrita, no âmbito das Ciências da Linguagem, lembra que

tal como o historiador em relação a uma batalha, o linguista está limitado ao contato com os testemunhos fragmentários sobre a relação entre oralidade e letramento, fala e escrita. Esses testemunhos, que revelam uma relação específica sujeito/linguagem, trazem, pois, a ação da história, exigindo que o estudioso da linguagem escrita enverede pela questão do estatuto desse sujeito-escrevente. (CORRÊA, 1997, p. 172)

São nesses fragmentos que o pesquisador pode encontrar indícios da individuação do sujeito na linguagem. Esse pesquisador, com postura “atrevida”, se põe como decifrador de vestígios escritos e, sem acesso direto ao “fato em si” – dada a impossibilidade inerente à tarefa –, tenta reconstruir, por meio de hipóteses, o “jogo de imagens que o escrevente faz sobre a escrita” (CORRÊA, 1997, p. 171). Atentos ao método do *paradigma indiciário*, procuramos reunir as ocorrências que se referem à “quebra de linhas” segundo regularidades mais gerais e inferir hipóteses a respeito dos “rastros” que os sujeitos deixam na (sua) escrita no bate-papo virtual – aqui entendido como *prática social*.

#### AS “QUEBRAS DE LINHAS” EM ENUNCIADOS DE BATE-PAPO VIRTUAL

Em um bate-papo virtual em aberto, observamos que, muitas vezes, o usuário, no processo de escrita, aperta a tecla *enter* ou “clica” em botão virtual específico, com o *mouse*, e envia duas ou mais mensagens com conteúdo linguístico que poderia ser aglomerado em uma única mensagem. É como se o escrevente “quebrasse” em mais de uma linha um enunciado – eis o que denominamos “quebras de linhas”.

Um aspecto importante se refere ao tempo cronometrado pelo sistema, disposto contiguamente aos *nicknames* (apelidos) dos usuários em cada mensagem enviada. Observamos que, entre a primeira e a

segunda mensagens com “quebra”, o tempo cronometrado pelo sistema gira em torno de 10 a 20 segundos. Apesar de haver flutuação nesse período de tempo, ele é sempre inferior a 1 (um) minuto. Esse pouco tempo pode ser indício da percepção, pelo escrevente, de alguma fronteira fonológica – relacionada à prosódia da língua – que ele parece grafar na (sua) escrita mediante mudança de linha, no momento de produção (“em tempo real”) dos enunciados.

Ao analisar 1 (uma) hora de “conversa”, observamos um total de 58 “quebras de linhas”. Os enunciados dessa “conversa” resultaram em 76 páginas de documento *Word*,<sup>10</sup> com 1019 mensagens trocadas entre os escreventes – somadas as automáticas, emitidas pelo sistema do provedor, que informam quando um usuário “entra” e/ou “sai” da “sala” virtual. Visando a descrever de forma mais consistente o que chamamos de “quebra de linhas” em enunciados de *chat*, sistematizamos as ocorrências encontradas segundo quatro regularidades, dispostas na Tabela (1):

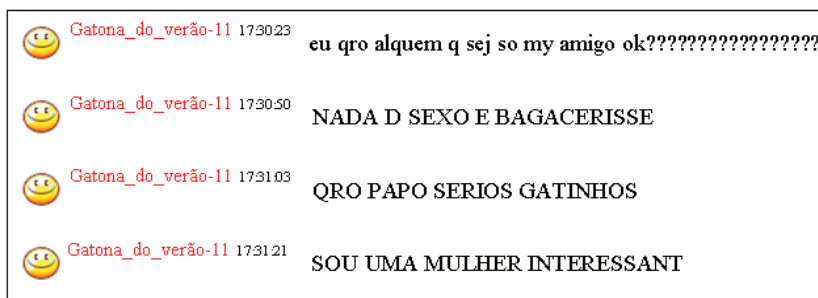
Tabela 1 - Categorização de “quebras de linhas”

REGULARIDADES		QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
i. ausência de sinal de pontuação	a. vinculado à vírgula	34 (58,6%)
	b. vinculado a outros sinais de pontuação	09 (15,5%)
ii. Presença de sinais de pontuação		13 (22,4%)
iii. Segmentação de sinais de pontuação na segunda mensagem		02 (3,5%)
Total		58 (100%)

Observamos que a maioria das “quebras” é composta pela ausência de recursos de pontuação (num total de 74,1%) – não há sinal mesmo em locais nos quais gramáticas prescritivas indicam a necessidade de utilização. Nesses casos, o espaço em branco, constitutivo do restante da linha em que se situa a primeira mensagem, representa fronteira linguística (sintática, textual, semântica e/ou discursiva) e pontua o enunciado por si só, sem a presença de sinal gráfico. Discriminamos, na Tabela (1), como “presença de sinais de pontuação” as “quebras” em cujo final soma-se a presença de algum recurso de pontuação. Vejamos, no exemplo seguinte, as regularidades (i) e (ii), extraídas do *corpus*:



Figura 1 - Enunciados produzidos por Gatona\_do\_verão-11



Nesse conjunto de enunciados, *Gatona\_do\_verão-11*<sup>11</sup> se comunica de forma genérica com os “presentes” na “sala” virtual. Na primeira mensagem, podemos observar uma “quebra” composta por sinais de pontuação; nas demais “quebras”, há ausência de sinais de pontuação. Em uma produção tradicionalmente escrita, por exemplo, poderíamos ter a seguinte grafia: “Eu quero alguém que seja só meu amigo, ok? Nada de sexo e bagacerisse, quero papo sério, gatinhos.<sup>12</sup> Sou uma mulher interessante.” Existem outras maneiras de pontuar esses enunciados, como, por exemplo: “[...] Nada de sexo e bagacerisse! Quero papo[s] sérios, gatinhos, sou uma mulher interessante!” Não se trata de propor uma pontuação “correta”, mas de esclarecer que haveria, pelo menos, um contexto para o uso da vírgula como recurso de pontuação e também para o uso de outros sinais, como o ponto-final ou o ponto de exclamação.

No primeiro enunciado, ao se valer de repetidos sinais de interrogação, *Gatona\_do\_verão-11* acentua a entoação própria de pergunta. Apesar da falta de pontuação na segunda e na terceira linhas, consideramos que a própria “quebra” indicia determinada prática de leitura para o enunciado. Acreditamos que as três “quebras de linhas” sejam tentativas de a escrevente marcar fronteiras de contornos entoacionais que compõem um único enunciado fonológico. Assim, quanto aos constituintes prosódicos (NESPOR & VOGEL, 1986), teríamos:

(01) U [[eu qro alquem q sej so my amigo ok??????????????????]  
 I [NADA D SEXO E BAGACERISSE]I [QRO PAPO SERIOS  
 GATINHOS]I [SOU UMA MULHER INTERESSANT]I]U

Com o emprego de “quebras de linhas”, somado às letras maiúsculas nas três últimas linhas – recurso que enfatiza o dito –, *Gatona\_do\_verão-11* parece marcar um *ritmo* na (sua) escrita que se correlaciona às práticas orais/faladas, em uma sua representação da gênese da (sua) escrita.

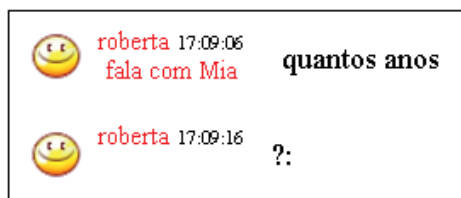
Não podemos ignorar que os sinais de interrogação e o emprego de letras minúsculas na primeira mensagem, em relação às demais, podem ser indícios de pausa e demarcação, nesta linha, de um *U* constituído por um único *I*:

(02) *U* [[eu qro alquem q sej so my amigo ok????????????????] *I* ] *U*

Alguns *Is* poderiam ser reestruturados a depender da entoação empregada pelo enunciador na interpretação das sentenças.<sup>13</sup> Porém, dados os critérios adotados para a análise – como o tempo (que no conjunto de enunciados em *Gatona\_do\_verão-11* gira em torno de 20 segundos entre cada mensagem) e a perspectiva teórico-metodológica assumida –, as “quebras de linhas” parecem ser tentativa de a escrevente constituir determinadas frases entoacionais para a leitura do conjunto de enunciados, caracterizando-o segundo prosódia e estilo (informal e veloz) próprios da atividade de “papear” na rede.

Já a regularidade (iii) apresentada na Tabela (1) – “segmentação de sinais de pontuação na segunda mensagem” — diz respeito a “quebras” em que a segunda linha é composta apenas por sinal de pontuação. Na ocorrência abaixo indicada, o ponto de interrogação é observado apenas na segunda mensagem decorrente da “quebra”:

Figura 2 - Enunciado produzido por Roberta



Na segunda linha decorrente da “quebra” (disposta 10 segundos após a primeira), apesar da ausência de itens lexicais, a escrevente

consegue enfatizar determinado sentido à sentença disposta na linha anterior. O pronome indefinido “quantos” assinala a pergunta – nas “conversas” analisadas, trata-se de enunciado “prototípico” em situação de contato fático. Contudo, *Roberta*, ao lançar mão de um recurso convencional da pontuação, coloca em destaque tanto a entoação do enunciado quanto um modo de interpelação. Esse tipo de “quebra de linhas” parece não se relacionar a fronteiras de *Is*, pois a segunda mensagem parece ser empregada pela escrevente para reforçar a marcação de um contorno entoacional que se pretende imprimir à sentença imediatamente anterior. Com relação aos constituintes prosódicos, os enunciados na Figura (2) formariam um *U*, composto por um *I*.

(3)  $U[[\text{quantos anos ?}:I]U]^{14}$

As “quebras” na atividade de escrita de *Gatona\_do\_verão-II* (Figura 1) e *Roberta* (Figura 2), ao se relacionarem com os contornos de *I*, colocam em evidência a heterogeneidade constitutiva da escrita e o constante trânsito do escrevente por práticas orais/faladas e letradas/escritas. Acreditamos que as “quebras de linhas”, entendidas como pontuação não convencional em bate-papos virtuais – ou como pontuação convencional, levando-se em consideração a emergência de um *novo* gênero de discurso (BAKHTIN, 1997), são um modo de o usuário indiciar determinado ritmo à relação com o outro na(s) prática(s) de escrita. As “quebras”, do ponto de vista teórico-metodológico adotado, são como “pegadas” das relações entre língua, história e sujeito:

não há acesso possível ao indivíduo-escrevente, mas ao sujeito-escrevente em sua singularidade histórica. [...] na escrita (como em outras manifestações da linguagem), tomamos contato com formulações (sobre o mundo e sobre o falado) sempre afetadas pela inserção histórica do sujeito. [...] na escrita (como em outras manifestações da linguagem), não tomamos contato com o indivíduo físico, mas com a singularidade histórica do sujeito, a partir da qual se constrói e se particulariza, na especificidade de microeventos discursivos, a imagem que ele faz da (sua) escrita. (CORRÊA, 1997, p. 181)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos instituir regularidades para o estudo de pontuação não convencional em enunciados de bate-papo virtuais, segundo “quebras de linhas”. Tais ocorrências parecem indiciar pistas gráficas deixadas pelos escreventes da relação que estabelecem entre o ritmo da escrita (organizado por sinais de pontuação, de forma multidimensional) e o ritmo da fala (organizado hierarquicamente em constituintes prosódicos). Em vez de evidenciar aspectos da fala na escrita digital, acreditamos que a análise dos dados corrobora concepção heterogênea da linguagem (da língua, da escrita), seja na internet ou fora dela.

Alguns autores, no âmbito dos estudos sobre linguagem e tecnologia (BRAGA, 1999; XAVIER e SANTOS, 2000; MARCUSCHI, 2005; ARAÚJO, 2005 e 2006), propõem, com base nos estudos sobre gêneros, a reflexão de que o bate-papo virtual em aberto constitui, de fato, gênero discursivo próprio da internet, o qual é influenciado pelo suporte tecnológico que o subsidia, sem ser por ele definido. Concordamos com a ideia de que o bate-papo virtual pode ser apreendido sob o viés dos gêneros discursivos. A adoção do conceito de gênero discursivo para o tratamento dos enunciados em *chat* aberto parece pertinente na medida em que, por meio da análise de “quebras”, podemos observar sistematicidades que apontam para a existência de regularidades nos enunciados escritos de um bate-papo virtual aberto.

LITERACY AND ORALITY: NOTES ON PUNCTUATION ON CHILDREN’S WEB CHAT

### ABSTRACT

Based on a heterogeneous concept of writing, this paper aims at analyzing ‘breaks’ in utterances of a virtual chat for writers between 8 and 12 years of age. The hypothesis is that the segmentation of an utterance in different lines in a short period of time characterizes the writing on the internet as non-conventional and relates it to the prosody and rhythm of the language not restricted to the phonic or graphic dimension of the verbal language.

KEY WORDS: Heterogeneity, writing, punctuation, chat, internet.

---

## NOTAS

- 1 Uma versão anterior deste texto foi apresentada em simpósio, no âmbito do *I Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários* (CIELLI), realizado na Universidade Estadual de Maringá (UEM), de 9 a 11 de junho de 2010.
- 2 Este trabalho retoma os principais resultados apresentados por Luiz Sobrinho (2010).
- 3 O uso da terminologia oralidade/fala e letramento/escrita é recurso metodológico que **não** visa à dicotomia entre fatos linguísticos (fala, escrita) e práticas sociais (oralidade, letramento). A esse respeito, Corrêa (2004) afirma que “considerar a heterogeneidade da escrita no que se refere à relação entre o falado e o escrito é assumir o seu caráter de prática social, ou seja, é defini-la pela convivência com outras práticas e não pela proposição (suposição) de fronteiras precisas” (2004, p. 160-161).
- 4 Para o autor, “os três eixos referem-se a representações que o escrevente faz do oral/falado e do letrado/escrito na sua escrita” (2004, p. 13). Em (i), o escrevente deixa “rastros” de que o oral/falado é apreendido por ele como “gênese”, ou “origem”, da (sua) escrita; em (ii), a escrita é tomada como autônoma em relação à oralidade/fala; em (iii), observa-se o já falado/ouvido e o já escrito/lido como constitutivo do texto do escrevente.
- 5 No texto original, a afirmação é “the formulation of the basic *I* formation rule is based on the notions that the intonational phrase is the domain of an intonation contour and that the ends of intonational phrases coincide with the positions in which pauses may be introduced in a sentence.”
- 6 De acordo com a SLH, proposta por Nespor e Vogel (1986), um constituinte de camada *n* deve conter os constituintes da(s) camada(s) abaixo, *n-1*, de forma exaustiva.
- 7 Por exemplo, a sentença “Estou aqui ao lado” poderá ter um ou dois *Is*, a depender dos fatores envolvidos na sua realização, os quais definirão os contornos entoacionais: “[[Estou aqui ao lado]*I* ]*U*”, “[[Estou aqui]*I* [ao lado]*I* ]*U*”. Na escrita de *chats*, tais contornos podem ser recuperados por meio das “quebras de linhas” empreendidas pelos usuários.
- 8 Os procedimentos éticos para a coleta de dados do projeto de pesquisa foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de São José do Rio Preto, tendo recebido parecer favorável em 10 de maio de 2007 (ofício CEP n. 15/07). O parecerista considerou que os dados, por serem de acesso público, não necessitam ser objeto de análise do CEP.

- 9 Disponível em: <<http://www.terra.com.br>>. Acesso em: 16 nov. 2006.
- 10 Páginas A4, margens *default*, espaço duplo entre mensagens e espaço simples no corpo do texto.
- 11 O número que compõe o apelido, “11” (onze), refere-se à suposta idade da escrevente.
- 12 Ao escrever “sérios”, a hipótese é que se trata de erro de digitação, visto que a expressão popular é “papo sério” – em oposição a um tipo de “papo” voltado apenas a “sexo” e “bagacerisse”, por exemplo –; “papo sério” é o que espera encontrar essa “Gatona do Verão” (“mulher interessante”, com supostos 11 anos), junto aos “gatinhos” da rede.
- 13 O que resultaria em: (01’): U [[eu qro alquem q sej so my amigo]I [ok????????????????]I ] U U [[NADA D SEXO]I [E BAGACERISSE] I [QRO PAPO]I [SERIOS GATINHOS]I [SOU UMA MULHER INTERESSANT]I]U
- 14 Esclarecemos que, quase um minuto depois do envio dessa mensagem, ainda sem receber resposta da interlocutora, a escrevente envia “tem msn” (sem qualquer sinal de pontuação), o que explicaria a grafia dos dois-pontos na sequência do ponto de interrogação. Os dois-pontos apresentam expressão catafórica que enfatiza o que é dito em seguida, no caso, nova pergunta, com tentativa de obtenção de resposta do outro.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. C. R. A Conversa na *web*: o estudo da transmutação de um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 91-109.
- ARAÚJO, J. C. R. *Os Chats*: uma constelação de gêneros na internet. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.
- BRAGA, D. B. A constituição híbrida da escrita nas salas de bate-papo e na construção dos hipertextos. *Leitura*: teoria e prática, ano 18, n. 34, p. 23-29, dez. 1999.

CHACON, L. *Ritmo da Escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CORRÊA, M. L. G. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. In: POSSENTI, S.; CHACON, L. (Orgs.). *Cadernos da F.F.C.: Análise do Discurso*. Marília, v. 6, n. 2, p. 165-186, 1997.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção do sentido*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LUIZ SOBRINHO, V. V. *A ausência total de vírgulas em enunciados de bate-papo virtual*. Tese (Mestrado em Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: \_\_\_\_\_. & XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.

NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

XAVIER, A. C.; SANTOS, C. F. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 4, p. 51-57, 2000.